

O Imperialismo do Século XIX no Ensino Médio: a Índia sob olhar orientalista e eurocêntrico

ROGER MARCELO MARTINS GOMES*

INTRODUÇÃO

O processo de dominação européia na Ásia na segunda metade do século XIX e início do século XX é conhecido como Imperialismo e ou Neocolonialismo. O Imperialismo, mais especificamente, é um tema polêmico entre os estudiosos marxistas e não-marxistas desde o século XIX..

Os estudos sobre esse processo europeu de dominação foi se institucionalizando dentro do saber histórico. O Imperialismo passou por várias análises e, o viés marxista, determinou fortemente a maneira de pensá-lo. Mas, como seria a escrita e o ensino de História de um tempo, como o colonialismo do século XIX, que expõe claramente a relação de exploração e poder? Como é a construção do conhecimento histórico no campo da Educação brasileira quando considerado o Imperialismo europeu sobre a Ásia e, especificamente, a Índia?

Escolheu-se, então, estudar como o Imperialismo é trabalhado no Ensino Médio, pois eis um momento da necessidade de um trabalho que aprofunde na aprendizagem de alunos que passarão para o nível universitário, a criticidade e a atualização do saber histórico.

Para desenvolver este estudo, trabalhou-se com material didático apostilado que tenha uma repercussão nacional, isto é, seja adotado em várias unidades escolares de diversos Estados do país. No Ensino Médio, o material apostilado, comumente está estruturado em função de conteúdos preparatórios para os Vestibulares, ou seja, sua escrita, muitas vezes, é orientada pelas tendências e exigências dos Vestibulares e, atualmente, do Enem.

Escolheu-se o tema Imperialismo para investigar como é abordado e discutido, a dominação e exploração na Ásia no século XIX, especificamente a Índia. Investigar quais discursos e escrita histórica estão implícitos neste tema, até que ponto

* Professor Titular de História Contemporânea, História da Ásia e História da Educação da Universidade Sagrado Coração (USC). Professor Mestre pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis).

podemos identificar o olhar Orientalista na construção da história da Ásia pelos nossos materiais didáticos.

Os sistemas apostilados escolhidos são: Anglo Sistema de Ensino, Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem, Sistema de Ensino Poliedro. Os livros-textos desses Sistemas de ensino nem sempre são escritos por um historiador. No caso do Anglo e do Objetivo é um conjunto de professores que não são citados como autores, a autoria fica por conta do próprio Sistema. O Sistema Poliedro possui um escritor, mas os direitos autorais é do próprio Sistema.

Nesses três sistemas, buscou-se, entender os dados que evidenciam a escrita e visão orientalista sobre o processo de exploração e dominação neocolonial na Ásia, especialmente na Índia. Usou-se, também um material didático indiano, para comparar como o mesmo tema é ensinado na Índia e que visão é demonstrado o Colonialismo do século XIX.

ORIENTALISMO E IMPERIALISMO

A Ásia ou o Oriente sempre foram temas fascinantes para o Ocidente. Há muito tempo gravitava em torno desse lugar assuntos cheios de mistérios e, possibilidades de encontrar o paraíso ou o enriquecimento.

Os portugueses, por exemplo, buscavam as cobiçadas especiarias, marfim, pedras preciosas no Oriente. Mitos foram criados. O Reino de Preste João era idealizado como um lugar abastado e poderoso, povoado por criaturas monstruosas e lendárias. As idéias sobre este lugar eram levadas para a Europa por viajantes, peregrinos e comerciantes o que motivava várias viagens efetuadas pelas cortes européias.

A cultura portuguesa, assim como de toda Europa, estavam e estão repletas de evocações orientais. Estas evocações contribuíram para a instituição de um corpo de idéias sobre o Oriente que denomina-se **Orientalismo**.

Um dos temas mais atual e polêmico sobre a Ásia é o **Orientalismo**, categoria que segundo o crítico Edward Said, refere-se a um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica entre “Oriente” e o “Ocidente”.

Busca-se, portanto, a proposta do estudioso e literato do Oriente Edward Said que fez uma profunda análise de como o Ocidente representou o Oriente durante o processo colonial e neocolonial europeu, criando instituições definidoras sobre o Oriente que ele denomina de Orientalismo.

O Orientalismo é um termo utilizado para definir teoricamente a produção histórica e cultural de todas as sociedades que não se encontram no contexto da cultura européia. Foi um termo popularizado no século XVIII. No movimento Iluminista, por exemplo, o Islão era tratado como local de despotismo e crueldade. Voltaire associou Maomé ao fanatismo. Mas, foi no século XIX que o Orientalismo se institucionalizou e serviu como ferramenta legitimadora da dominação européia baseado no discurso da Missão civilizadora e redenção dos povos primitivos.

Said (2007), assim como a Sinologia e a Indologia, contribuiu para a revisão do discurso sobre o Oriente e, de como o Ocidente criou uma visão distorcida do Oriente como um outro diferente. Porém, políticas unilaterais como a do governo norte-americano, acontecimentos como o 11 de Setembro, a mídia global reforçam uma visão preconceituosa sobre o Oriente como um todo e especificamente sobre o Oriente Médio. Mas, como seria esta visão no ensino brasileiro sobre temas que tratam da Ásia como, por exemplo, o Neocolonialismo e Imperialismo? Haveria um tom orientalista e eurocêntrico sobre o estudo os povos do Oriente?

Em diversos debates historiográficos sobre o Imperialismo e Neocolonialismo, o Capitalismo, em especial a chamada Segunda Revolução Industrial, são apresentadas como contexto para entender esse processo de dominação no século XIX. Bruit (1994, p. 5), define o Imperialismo como “um conjunto de processos que levou os países industrializados a penetrar, controlar e dominar vastas regiões do mundo”. Bruit (1994), parte de uma clássica definição de Lênin sobre Imperialismo, apresentada em seu livro publicado em 1916, “O imperialismo, etapa superior do capitalismo”. Nesse livro, segundo Lênin o imperialismo é:

Um capitalismo na fase de desenvolvimento, quando tomou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, quando ganhou significativa importância a exportação de capitais, quando se iniciou a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a repartição de toda

a terra entre os países capitalistas mais importantes. (LÊNIN, apud, Bruit, 1994, p.5)

Esta dimensão econômica dada ao processo de dominação européia no século XIX, adquiriu forças e se consolidou depois de longos debates entre os estudiosos que, segundo Hobsbawn (1998), denominou-os de observadores ortodoxos e heterodoxos.

Os observadores ortodoxos pensavam discernir, em termos gerais, uma nova era de expansão nacional na qual os elementos políticos e econômicos já eram claramente separáveis e o Estado desempenhava cada vez mais ativo e crucial tanto a nível interno como externo. Os observadores heterodoxos analisaram o período mais especificamente como uma nova fase de desenvolvimento capitalista, decorrente de várias tendências nele discerníveis. (HOBSBAWN, 1998, p. 91-92)

Este autor afirma que entre os observadores mais heterodoxos a análise mais influente e que mais contribuiu foi a de Lênin em 1916 no seu pequeno livro “Imperialismo”. Nesse linha, Hobsbawn (1998) reafirma que o colonialismo mesmo sendo um dos aspectos mais geral das questões mundiais, foi, sem dúvida, o mais significativo para o final do século XIX.

Ele consistiu o ponto de partida de análises mais amplas, pois não há dúvida de que a palavra “imperialismo” passou a fazer parte do vocabulário político e jornalístico dos anos 1890, no decorrer das discussões sobre a conquista colonial... Eis por que são inúteis as referências às antigas formas de expansão política e militar em que o termo é baseado. Os imperadores e impérios eram antigos, mas o imperialismo era novíssimo. (HOBSBAWN, 1998, p. 92)

O Imperialismo, segundo Bruit (1994, p. 14), aglutinou todos elementos econômicos, políticos, racistas e sociais do século XIX, porém, em todos os casos, o que estava por trás era a expansão em nível mundial das relações capitalistas de produção. O conceito Imperialismo e Neocolonialismo são, muitas vezes, associados ou diferenciados, mas tratando do mesmo processo. Conforme Mesgravis (1994, p. 4) o

Imperialismo e o Neocolonialismo são processos de expansão e conquista, que assumiu formas diversificadas conforme a região e a potência dominadora. Segunda essa historiadora:

Os dois termos são geralmente usados para designar uma política sistemática de obtenção de colônias e ampliação de riqueza, poder e influência sobre outros povos. Para alguns estudiosos o termo *imperialismo* deve ser usado somente para a fase final do colonialismo, quando o principal objetivo é sobretudo o de exportação de capitais sob a forma de empréstimos financeiros. (MESGRAVIS, 1994, p.4)

Panikkar (1977), historiador asiático que estudou os 450 anos de atividade europeia na Ásia, em sua obra “A dominação ocidental na Ásia”, defende a idéia que há uma unidade fundamental no processo de dominação sobre a Ásia, que não aparece devido ao grande número de obras para a história de cada país. A unidade desse processo também é mascarada pela situação da Grã-Bretanha na Índia. Segundo Panikkar (1977, p. 27), “isolar de tal modo a questão da Índia inglesa do conjunto das questões asiáticas significava estar condenado desde logo a nada compreender da Ásia”. Mas, aqui neste trabalho persistiremos no caso somente da Índia devido as condições e limites de nosso estudo.

A CONQUISTA DA ÍNDIA

Panikkar (1977) indaga como pode, em 50 anos, a Inglaterra adquirir um poderio militar e político sobre a Índia e quais fatores políticos, econômicos e sociais de uma empreitada tão radical realizada pelos ingleses. Bruit (1994), assim como Panikkar, demonstra que o império inglês na Ásia consolidou-se graças às atividades exercidas pela Companhia das Índias Orientais.

O aumento do conhecimento da vida dos hindus despertava o interesse e a admiração de uma velha cultura, por um lado e, por outro, uma relutância e desprezo a essa cultura quando se deparavam com algumas práticas políticas, como a crueldade e despotismo dos príncipes, práticas sócio-religiosas como as dissensões religiosas e o sistema de castas. Essa realidade gerava um enorme desprezo pelos ocidentais,

permitindo que os especializados em assuntos indianos na Inglaterra teorizassem sobre esse chamados problemas indianos e lhes garantissem a idéia de dominar para educa-los e liberta-los dessa condição, contribuindo assim para o que Said (2007) denomina de Orientalismo.

A dominação inglesa na Índia foi se aprofundando a partir de 1818 e efetuada em 1858. Os ingleses enviaram cada vez mais funcionários para a Índia, destruíram e modificaram o sistema econômico hindu firmado na produção de algodão, agora nas mãos inglesas. Por outro lado houve algumas melhoras nos transportes com as estradas de rodagem e de ferro, mas os projetos de irrigação não melhoraram a vida dos camponeses, ao contrário, eles ficaram cada vez mais endividados.

Muitos hindus foram tomando consciência da dominação, principalmente teóricos e intelectuais, como, por exemplo, o historiador indiano Dutt que, conforme Mesgravis (1994), denuncia criteriosamente os dados sobre a fome durante o período de dominação inglesa na Índia. Havia incompreensões e tensões entre indianos e ingleses, desprezo inglês por um lado, e inconformismo hindu por outro.

Em 1858, segundo Bruit (1994), o governo despótico, o banditismo administrativo e a exploração sem limites originara a primeira grande rebelião hindu, a Guerra dos Sipaios, que foi o pretexto para o governo inglês tomar em mãos o governo da colônia. O retorno da Europa dos filhos das famílias hindus ricas, os problemas sociais da Europa e a ação administrativa colonial e o desprezo contra o colonizador deram início a resistência.

Surgiu em 1885 o Congresso Nacional Indiano, movimento que de início não visava a expulsão imediata dos britânicos, mas queriam obter os direitos dos cidadãos ingleses. O processo de resistência cresce no final do século XIX, surgem facções mais radicais, como a de Tilak, que visava reafirmar a tradição cultural hindu, o que não agradava os mais “modernizados”. No século XX este processo de resistência e luta se desfecha com Mohandas Karamchand Gandhi que levaria a luta pela Independência às massas, unindo diversas facções.

Apontamos brevemente algumas questões fundamentais sobre a dominação inglesa na Índia, considerando que a resistência dos hindus é imprescindível tratar a sua ação diante essa dominação, como eles a absorvem, aceitam, interagem e relutam. Entender o que propõe Panikkar (1977), buscar a dominação sobre a Índia nos

aspectos mais gerais da dominação européia na Ásia, considerando as especificidades de cada região.

Seria no Ensino Médio brasileiro considerado essa forma de resistência hindu? Como o Imperialismo e o Neocolonialismo são tratados em nosso sistema de ensino quando considerados o Ensino Médio e, principalmente, o Sistema Particular de Ensino baseado em materiais apostilados? Como essas apostilas narram o tema Imperialismo e Neocolonialismo? Há uma visão orientalista neste ensino brasileiro?

O IMPERIALISMO E O NEOCOLONIALISMO NO ENSINO MÉDIO

Nos três Sistemas que trouxemos para a análise, o Imperialismo é introduzido a partir de uma contextualização da Segunda Revolução Industrial no Sistema Capitalista. Nos sistemas Anglo e Ojetivo é reservado ao tema um capítulo inteiro, enquanto que no Sistema Poliedro, o Neocolonialismo faz parte de um capítulo que o insere num tema maior, titulado “Apogeu e crise do capitalismo: a passagem para o século XX”.

Na introdução do tema Imperialismo dos três Sistema de Ensino, a maneira que as potências capitalistas européias são representadas deixa uma ideia positiva e natural de sua ação dominadora sobre as colônias. Os países europeus são potências em rápida expansão que precisam de mercados para o seu progresso, enquanto as áreas alvos da expansão estão esperando ser dominadas. Veja como o Sistema Objetivo apresenta a questão/tema:

Outras potências mais fortes tinham surgido no cenário europeu: Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Bélgica, muito melhor aparelhadas em termos econômicos para empreenderem a conquista e repartição dos territórios da África e Ásia. (ARRUDA, et. all., 2011, p.180)

A citação acima é uma afirmação de que as novas potências estão superando as velhas e decadentes potências do colonialismo dos século XVI, Portugal e Espanha, mas a discussão fica no âmbito das potências européias e não das colônias. No Sistema Anglo há um breve capítulo enfatizando a África antes de tratar o Imperialismo,

mas no capítulo do Neocolonialismo, permanece a idéia de que é quase natural potências industrializadas dominarem outros povos.

Durante a segunda metade do século XIX, as nações industrializadas, vivendo uma grande expansão econômica e o surto da Segunda Revolução Industrial, voltaram-se em direção aos continentes africano e asiático, num novo impulso colonialista. (ANGLO, 2008, p.127)

Nessa citação, o livro-texto desse sistema de ensino, deixa uma ideia maniqueísta de dominação em que as potências européias estão naturalmente capazes de exercer devido a industrialização. No Sistema Poliedro, essa forma positiva de apresentar nos textos as potências européias é contrabalanceado quando se coloca o Neocolonialismo como resultante da crise do capitalismo:

Com excesso de capital, produção e mão-de-obra, os países industrializados tipificavam uma grave crise de crescimento dos sistema capitalista... A solução para essa crise foi a transformação das áreas externas em áreas periféricas, nos processos chamados **imperialismo** e **neocolonialismo**, que resultaram no domínio europeu do mundo, internacionalizado o capitalismo. (SALOMÃO, 2008, p.127)

Mas, na construção do texto do livro do Sistema Poliedro constata-se que a idéia de mão única sobre a dominação européia continua. “Em pouco mais de três décadas, por volta de 1900, os países industrializados haviam imposto seu domínio sobre a África a Ásia e a Oceania, reduzindo-as à condição de colônias ou controlando-as de fato (SALOMÃO, 2011, p.94)”. A idéia de uma Europa dominadora, agente da História, enquanto a Ásia e África estão postas a receber a colonização.

Entretanto, o texto sobre Neocolonialismo nos três Sistemas de Ensino, trabalha todos os pontos importantes debatidos pelos teóricos dos Neocolonialismo. Discutem as diferenças conceituais entre Neocolonialismo e Imperialismo, evidenciam as idéias justificadoras desse processo como a “Missão Civilizadora”, os tipos de colônias criadas na África e Ásia, trazem depoimentos da época e, principalmente, a partir de uma visão mais moderna, trazem a luta e resistência dos povos vítimas da dominação. Porém, como são demonstradas, nos textos desses

Sistemas de Ensino, estas lutas e resistências? Elas contribuem para uma idéia mais ampla da história desses povos do Oriente?

Nos três Sistemas de Ensino analisados, verifica-se um relato breve ou uma rápida citação sobre essas lutas, o que dificulta a possibilidade de entender o africano e o asiático como sujeitos de sua história. No próprio texto é justificado a impossibilidade de tratar todos os movimentos de resistência devido a extensão do tema, mas mesmo mostrando os movimentos em conjunto fica a idéia de fracasso e derrota para o asiático e africano, ou seja, trata-se de uma construção que impossibilita vê-los na trama de sua história. Para constatar essa construção, buscou-se como são citadas as lutas de resistência na Índia.

No Sistema Objetivo, as lutas são inseridas no subtítulo “A penetração européia na Ásia”, o que reforça o olhar orientalista. No texto desse Sistema de Ensino, a resistência indiana ao Imperialismo é reduzida em algumas linhas sobre a Guerra dos Cipayos: “Em 1858 deu-se a revolta dos nativos que serviam nos exércitos coloniais, os cipayos. Isso fez com que a Índia fosse integrada no Império Britânico”. (ARRUDA, et. all., 2011, p.181)

No Sistema Poliedro e Anglo, também de forma muito rápida é citada a Guerra dos Cipayos, inserida no subtítulo “A Resistência ao imperialismo”, mas a derrota dos indianos e a vitória dos ingleses são enfatizadas.

Guerra dos Sipayos (1857-1858), na Índia, contra o domínio inglês. Também conhecida como “motim indiano”, foi violentamente reprimida pelos ingleses, que se aproveitaram das rivalidades internas entre os reinos da Índia. (ANGLO, 2008, p.131)

Na Ásia, a resistência também foi longa e intensa. No Grande Motim, de 1857 – 1858, os soldados nativos recrutados pelos ingleses, os **cipayos**, levantaram-se numa revolta que ensanguentou a Índia britânica. Os nativos da ilha de Sumatra resistiram, de 1881 a 1908, ao domínio holandês, em uma “guerra santa”. Os nacionalistas filipinos sustentaram uma guerrilha contra os norte-americanos, sob a liderança de Aguinaldo, de 1898 a 1902. A Indochina francesa passou por levantes nacionalistas e por uma onda de atentados terroristas, entre 1906 e 1909. (SALOMÃO, 2011, p.99)

No Sistema Anglo há uma prévia explicação sobre a Índia, mostrando-a como a “jóia” da Coroa, ou seja, uma região importante para a consolidação do Império Britânico, enquanto no Sistema Poliedro, constata-se uma tentativa de mostrar mais a força da resistência com suas lutas diante a brutalidade da dominação européia. Mas, em ambos os Sistemas, a referência e a história das lutas são vagas para entender os povos dominados construindo sua história.

Entretanto, em todos os Sistemas a visão predominante é a de uma Europa dominadora e uma Ásia e África coadjuvante num processo capitalista de grande acumulação e crise que caminha para a Primeira Guerra Mundial. Mais um evento histórico em que os povos da Ásia e África são superficialmente tratados, consolidando uma visão orientalista e eurocêntrica.

Seria diferente hoje o ensino do Imperialismo nos países que foram colônias das Metrôpoles européias? Como seria o ensino do Neocolonialismo e o Imperialismo na Índia? Em Kerala, Estado do Sul da Índia, onde o material de ensino é fornecido pelo governo, mesmo para as escolas particulares, o ensino sobre o Imperialismo é realizado pelo ponto de vista do nacionalismo.

No ensino indiano, é utilizado o termo Imperialismo e não Neocolonialismo, mas a introdução desse assunto também está relacionada ao Capitalismo e sua evolução na segunda metade do século XIX. Mas a idéia positiva que se tem no ensino brasileiro das potências capitalistas é minimizada, no material didático indiano, quando é ressaltado os conflitos entre capitalistas e as potências capitalistas e seus resultados.

The stiff competition among capitalist countries and the capitalists themselves resulted in wars. Wars expenses increased. Wages had to be increased as result of the strike by the works. What were the consequences?
(KERALA READER, p. 7, 2004)

O viés marxista é muito forte no texto indiano, a dimensão econômica para explicar o Imperialismo também é uma realidade nesse material. Mas, o importante é que esse material coloca a questão Imperialista na perspectiva indiana e para isso uma das técnicas no texto é a reflexão constante por meio de questionamentos e propostas

apresentadas aos alunos, principalmente quando se trata de temas polêmicos como a discriminação religiosa e racial européia.

To facilitate this exploitation they made the native people fight among themselves. Disparities were created among the followers of various religions. Colour discrimination and racial antagonism were inflamed: *Organize a discussion on the colour discrimination abetted by the English in India and South Africa.* (KERALA READER, p. 9, 2004)

O principal ponto que contraria uma visão orientalista no ensino indiano sobre o Imperialismo europeu é quando fica ressaltado o desenvolvimento do nacionalismo indiano. No texto do material didático indiano é mostrado o nascimento do nacionalismo a partir da Europa, mas demonstram qual o nacionalismo que os indianos e asiáticos devem colocar em questão, um nacionalismo “estrito” ou uma consciência nacional:

Nationalism grew up in European countries as a pretext for conquering the neighbouring countries and colonies. This was branded as aggressive nationalism. What is the difference between national consciousness and narrow nationalism? What are the dangers of narrow nationalism? Collect as much information as possible and record it in the Enquire Note. (KERALA READER, p. 9, 2004)

Os indianos aprendem pelo texto como a consciência nacional foi importante na luta e resistência a dominação, aprendem como foi o nacionalismo em outras colônias asiáticas e africanas. É trabalhado a Guerra do Ópio e a Rebelião Boxer na China, assim como a Guerra dos Boers na África do Sul. O interessante é que não aparece a Guerra do Cipaios no material indiano, o que não significa esconder parte de sua história, mas é uma técnica para que desperte o aluno a fazer pesquisa sobre o tema.

Antes de finalizar o tema Imperialismo, os indianos ressaltam, a importância de Gandhi na luta pacifista anti-imperialista e demonstram a importância do movimento operário no final do século XIX, ressaltando as Internacionais comunistas, para iniciar depois a Primeira Guerra Mundial.

Diferente do ensino brasileiro sobre o tema Neocolonialismo e Imperialismo, o ensino indiano diminui o eurocentrismo, quando ressalta o

nacionalismo como forma de consciência nacional e o internacionalismo. O que é corroborado por uma proposta pedagógica reflexiva e questionadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino do tema Imperialismo no chamado Ensino Médio brasileiro permite identificar a visão eurocêntrica na realidade escolar. O Sistema Particular de ensino, em seu sistema apostilado, permite visualizar claramente como vai-se construindo a perspectiva ocidental sobre os povos e a história do Oriente, processo que Edward Said chama de Orientalismo.

Não se pode esquecer que a produção desse tema no material apostilado transmite e reproduz o debate acadêmico dos grandes teóricos e as abordagens dos vestibulares e do Enem aos quais está vinculado.

Constatou-se três pontos fundamentais que contribuem para uma visão eurocêntrica e orientalista no Sistema Particular de Ensino Apostilado: a maneira positiva que as potências industrializadas são apresentadas quando vão para o domínio colonial, a forma maniqueísta e dualista entre metrópole desenvolvida e colônia atrasada, a referência vaga, rápida e fracassada dos movimentos de resistência nas colônias.

Analisou-se como contraponto desse Sistema Particular de Ensino brasileiro, a maneira que o mesmo tema é tratado e narrado no ensino indiano. Constatou-se que há uma perspectiva indiana que minimiza o eurocentrismo e orientalismo. O tema é intitulado claramente como “Imperialismo”, é introduzido mostrando as crises e lutas entre as potências por seus interesses capitalistas, tirando os aspecto positivo dessas potências na corrida colonial. Mas, na perspectiva indiana, o fundamental é o tratamento dado à consciência nacional frente ao imperialismo, reforça-se a necessidade de uma consciência nacionalista na luta contra o Imperialismo.

Entender a abordagem do tema Imperialismo, na perspectiva indiana, possibilita condições de enriquecer a prática do ensino brasileiro, pelo tratamento dado ao tema e pela maneira que eles escrevem e estruturam o texto levando os alunos à constante reflexão e pesquisa.

O tema Imperialismo permite amplas discussões em torno do Capitalismo, Colonialismo, Orientalismo e Eurocentrismo. É um tema que permite uma riqueza de debates e discussões e, como diz Hobsbawn (1998, p. 92), “as discussões em torno desse tema tão sensível, são tão apaixonantes, densas e confusas que a primeira tarefa do historiador é desmaranhá-las para que o fenômeno em si possa ser visto”.

REFERÊNCIAS

ANGLO. *Ensino Médio: livro-texto 2*. São Paulo: Anglo, 2008. (Anglo Sistema de Ensino)

ARRUDA. J. J. de A., et. all. *História Geral*. Livro 21. São Paulo: Objetivo, 2011. (Objetivo – Sistema de Métodos de Aprendizagem).

BRUIT, H. H. *O imperialismo*. 12. ed. rev. atual. São Paulo: Atual, 1994 (Discutindo a história).

HOBBSBAWN. E. J. *A Era dos Impérios 1875-1914*. 12 ed. tradução Sieni M. Campos e Yolanda S. de Toledo; revisão técnica Maria Célia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KERALA READER: SOCIAL SCIENCE – I (ENGLISH). *Contents 1 – Imperialism and First World War*. Poojappura, Thiruvananthapuram – 12: Government of Kerala, Department of Education, 2004.

MESGRAVIS, L. *A colonização da África e da Ásia*. Coord. Marly Rogrigues, Maria Helena Simões Paes. São Paulo: Atual, 1994 (História geral em documentos).

PANIKKAR, K. M. *A Dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias*. Trad. De Nemésio Salles, pref. Otto Maria Carpeaux. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SAID. E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALOMÃO. G. E. *História – Ensino Médio: livro 3*. 1ª ed. São José dos Campos: Editora Poliedro, 2011. (Sistema de Ensino Poliedro)